

UM OUTRO MODO DE COMPREENSÃO DO “EU”: CONTRIBUIÇÕES DE MARTIN HEIDEGGER

Jurema Barros Danta

Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Federal Fluminense, professora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e Psicoterapeuta.

“O nivelamento psicológico do homem moderno com suas diversas funções e instâncias e mesmo com a noção de inconsciente, não guarda senão um reflexo pálido da riqueza experiencial traduzida nas descrições tradicionais do homem” (Roberto Novaes de Sá)

Ao pensarmos os modos de compreensão do “eu”, privilegiaremos as considerações de Heidegger (1989) sobre esta temática. Apesar do surgimento da psicologia, enquanto campo de saber, ter se pautado num modelo cientificista e positivista que perdura até os dias de hoje, queremos nos esforçar, com a ajuda das contribuições teóricas heideggerianas, no sentido de nos afastar da idéia de um sujeito que é objeto de conhecimento, encapsulado e fechado em si mesmo tão presente nas formulações psicológicas do nosso tempo.

A psicologia se difundiu e se firmou como uma ciência que estuda o comportamento humano. As pesquisas psicológicas exibem, acentadamente, um discurso amparado em técnicas que prometem decifrar sensações e afetos e, assim, explicar a subjetividade humana. A nossa época moderna em seu modo de desvelamento pensa o homem como algo universal e naturalizado que está lá, como um objeto esperando para ser descrito por sociólogos, antropólogos e psicólogos. Trata-se do empenho moderno em tudo querer controlar ou prever. O que vem acontecendo no contemporâneo é, justamente, uma tendência ao aprisionamento total da vida nas malhas da tecnologia. Queremos colocar em cena um outro modo de pensar a subjetividade que seja a afirmação de uma ética pela vida na medida em que hoje, habitualmente, predomina a crença de que somente a ciência proporciona a verdade objetiva.

“Na ciência contemporânea encontramos o querer dispor da natureza, o tornar útil, o poder calcular antecipadamente, o predeterminar como o processo da natureza deve se desenrolar para que eu possa agir com segurança perante ele. A segurança e a certeza são importantes. Exigi-se uma certeza no querer controlar”.(Heidegger, 2001, p.47).

Mesmo a psicologia surgindo com o propósito de atender às exigências do modelo científico, com uma

compreensão de sujeito enquanto substância extensa, passível de mensuração, controle e determinação, queremos trazer à discussão a questão da existência. Heidegger nos coloca que a história do pensamento ocidental é a história do esquecimento do ser, no sentido de que, apesar do ser ter sido investigado de várias formas, essa investigação empreendida pela filosofia de Platão a Nietzsche não foi levada a efeito em sua radicalidade, ou seja, ela esqueceu de pensar o ser em seu sentido mais originário e fundante. A filosofia investigou o ser, é verdade, mas sempre numa perspectiva parcial, derivada, secundária.

Heidegger vai dizer que tal filosofia é substancialista e entitativa pois apreende o ser do ente fora do fluxo do tempo. Ao tomar o ser em sua invariabilidade e permanência, tal filosofia sempre considerou o ser como “presença constante”, como um mero ente subsistente ou como algo simplesmente dado que pode ser visto, observado, agarrado, teorizado e calculado.

Heidegger (1989) ao pensar sobre seu tema central de preocupação que é a questão do sentido do ser, rompe com todo um percurso da história da metafísica determinista que, sem nenhuma restrição, coloca o homem como um ente simplesmente dado. Podemos predicá-lo como um animal racional; como uma criatura criada por Deus; como um sujeito pensante; com um complexo de forças do id, ego e superego; como um ser espiritual, dentre outros. Em todas essas definições, o que se observa é que se toma o homem em apenas uma das perspectivas possíveis. Estas definições estão corretas, mas parciais porque tomam o homem como um “é”, como um ente particular no meio de outros entes, isto é, ele não sai do quadro ôntico da substância.

No fundo, cada uma dessas definições estuda o homem a partir de um setor do real, e acaba por determinar o campo das diversas ciências ônticas inclusive da psicologia. Em todas elas existe uma tomada de posição metafísica do que significa “ser homem”. Desta forma, mesmo buscando focar a temática do ser, alguns sistemas filosóficos inauguraram o seu próprio desvio, que constituiu em confundir o ôntico com o ontológico

O ser do homem tomado como substância

permanente é, segundo Heidegger, fruto de uma interpretação parcial e ingênua do tempo. O tempo, para o filósofo, não é uma entidade simplesmente dada fora do homem, nem tão pouco um fenômeno subjetivo ou psicológico. A experiência cotidiana do tempo que fazemos e pela qual perguntamos toda vez que consultamos o nosso relógio é compreendida como uma seqüência ininterrupta de agoras. No entanto, aquilo que os relógios e calendários nos informam só nos é compreensível, segundo Heidegger, porque já possuímos um entendimento prévio do que seja o tempo.

Este tempo que se difere do cronológico nunca está separado da existência. Um é condição do outro, um não é sem o outro. Com isso nos damos conta de que a primeira experiência que temos de nossa existência é que ela “passa”. Esse passar da existência e do tempo configuram, essencialmente, um outro modo de compreensão do “eu”. O homem não é um ente intratemporal, isto é, simplesmente dado no interior de um tempo também simplesmente dado. O homem é temporal no sentido de que ser homem é temporalizar. A existência é tempo e, como tal, não pode ser definida a priori em nenhuma categoria ou estrutura. Todo *Ser e Tempo* caminha na direção da possibilidade de mostrar e dizer isto: Ser significa tempo.

Baseado nestes princípios, Heidegger retoma a questão acerca da diferença entre Ser e ente e encontra o ponto de partida para a tentativa de compreensão sobre o sentido do ser. Para Heidegger existem os entes cujo modo de ser são simplesmente dados e existe um ente, o homem, cujo modo de ser está em jogo no seu devir temporal. Este ente diferenciado que é o único capaz de se interrogar sobre a existência ele chamou de DASEIN que significa ser-aí. Heidegger designa como Dasein, este ente que nós mesmos somos e que, diferente dos entes que não têm o modo de ser do homem, não possui uma essência determinada a priori, antes, o que ele é, seu ser, está sempre em jogo no seu existir. Uma existência em jogo, em movimento, sem nenhum tipo de determinação. Para Heidegger (1989) o dasein é o ente cuja essência é a existência. O Dasein não é nada a não ser o lugar que lhe é originário: uma inquietante estranheza. Esta forma de falar sobre o homem marca bem a ruptura com todas as definições carregadas de sentidos essencialistas que foram se cristalizando ao longo da história. *“O Da-sein humano como âmbito de poder-apreender nunca é um objeto simplesmente presente. Ao contrário, ele não é de forma alguma e, em nenhuma circunstância, algo passível de objetivação”*. (Heidegger, 2001, p.33).

A psicologia², costumeiramente, pensa o homem como um ente simplesmente dado e, para Heidegger nada que se refere à existência é simplesmente dado. Logo,

baseados em suas contribuições, rompemos com esse modo essencial de compreensão do “eu” como um objeto de estudo composto de uma série de características cujo suporte, habitualmente, conhecemos como personalidade, egoidade, subjetividade, dentre outros. Rompemos com esta compreensão de um sujeito encapsulado que se manifesta por estruturas psíquicas determinadas.

No caminho de uma desconstrução do sujeito, Heidegger retorna às origens gregas que, ao longo da história da metafísica, se ocultaram sob critérios de racionalidade e cientificidade acerca das concepções sobre o que é ser homem. A partir de uma compreensão existencial do ser do homem não se pode mais pautar a compreensão do “eu” nas categorias de causalidade, determinismo, controle e previsibilidade. Isto implica em abandonar a idéia de um “eu” enclausurado, constituído por propriedades e mecanismos para compreendê-lo como abertura, devir, constituído como um poder ser, como um existente que, em sua condição mais própria, está em jogo no tempo. Isto porque ao longo da história da psicologia a identidade do sujeito foi sempre associada a uma permanência temporal linear.

A concepção de “eu” enquanto existência desconstrói a noção de homem enquanto uma categoria a ser estudada ou determinada para pensá-la como uma abertura de sentido. O modo de ser do homem se distingue radicalmente do modo de ser das coisas. O homem não pode ser comparado a um exemplar de determinada categoria. Este “eu” não é uma substância. Sob o fluxo de mudanças psicológicas não se esconde nenhum substrato imóvel, simplesmente, ser homem é estar voltado para suas possibilidades.

O ser do homem é uma fonte de possibilidades. O Dasein carrega tamanho índice de indeterminação que a única determinação que o dasein se impõe é a liberdade. Somos pura abertura de sentido e, exatamente, por isso podemos a cada dia nos escolher e (re) fazer um percurso de nossa história de forma diferente e singular. O Dasein é a total possibilidade de fazer-se e por isso ele é livre em sua essência.

Neste sentido, ao falarmos de uma psicologia clínica, sustentamos uma prática que, ao invés de trabalhar com um eu interiorizado e determinado, trabalha com a concepção do “eu” como um existente e por conseguinte, uma prática que concebe o trabalho terapêutico como uma abertura de novas possibilidades de sentido dentro do horizonte histórico que o dasein se encontra. Uma prática psicológica que tenha certeza de que o homem não se apresenta no mundo como um corpo inanimado e que,

² Acreditamos que apesar de um grande campo de dispersão entre o conjunto de teorias e sistemas agrupados historicamente no campo da psicologia é possível identificar nesta diversidade de abordagens e condutas a mesma intenção de fundo do projeto epistemológico da modernidade, designada por Heidegger como a era da Técnica. De acordo com Sá: “Não se trata de um projeto voluntariamente elaborado e escolhido pelo sujeito, mas, antes, de uma identificação histórica na qual estamos inevitavelmente imersos”. (2003 p.164).

fundamenta-se, sobretudo, no respeito incondicional ao caráter próprio dos fenômenos do existir humano como se mostram, no aceitar e tomar a sério aquilo que são enquanto tais.

“As exigências da cientificidade, tais como a presença do sujeito, constituída como substância, a perspectiva do tempo linear e do espaço homogêneo, a neutralidade do cientista, para que um determinado modo de pensar e de fazer seja reconhecido pelo mundo acadêmico podem ser deslocada para dar lugar a outro modo de pensar e fazer psicologia clínica” (Feijoo, 2004, p.15).

Logo, podemos pensar numa clínica não mais com a idéia de um sujeito categorizado por leis que regem sua situação no mundo, mas sim, como pura abertura que se dá no ser-aí. Na contramão de qualquer perspectiva generalizante e mecanicista acerca do homem, Heidegger propõe que “*pensemos no existente em sua cotidianidade e devir temporal, portanto, abertura*”. (Protásio, 2004, p.23).

O Dasein temporaliza, como pura abertura de possibilidades, não podendo ser abarcado por qualquer princípio causalista ou determinante, só cabendo perguntar pelo seu sentido. Baseados no pensamento heideggeriano, nosso fazer clínico, consiste na descrição interpretativa das estruturas ontológicas fundamentais do existir humano, numa atitude de suspensão de qualquer forma de objetivação e numa não identificação com nenhuma categorização inadequada sobre o modo de ser do homem. Não devemos habitar a ilusão quase irresistível de que um saber ôntico possa responder aquilo que se passa com o existir humano. A ilusão de que estamos, facilmente, dispensados do exercício do pensamento sobre nossos saberes e nossas práticas.

Referências Bibliográficas:

- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, V. I. 1989.
- _____. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FEIJOO, A.M.L.C. *A Escuta e a Fala em Psicoterapia*. São Paulo: Vetor, 2000.
- _____. *A Psicologia Clínica e o pensamento de Heidegger em “Seminários de Zollikon”* In Revista Fenômeno Psi. Ano 2. n°1. Rio de Janeiro, 2004.
- PROTÁSIO, M.M. “*Seminários de Zollikon*”: *Desconstruindo algumas noções de psicanálise* In Revista Fenômeno Psi. Ano 2. n°1. Rio de Janeiro, 2004.
- SÁ, R.N. *O pensamento de Martin Heidegger e a clínica psicoterápica*. Revista do Departamento de psicologia da UFF. Niterói, V.7, p.45-50, 1995.
- _____. *A noção heideggeriana de cuidado (Sorge) e a clínica*

psicoterápica. Simpósio de Filosofia Existencial e Psicoterapia. In: Simpósio Internacional de Fenomenologia e Hermenêutica, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Porto Alegre, 1990.

_____. *Hermenêutica e clínica psicoterápica*. In: Anaes do I Seminário de Pesquisa e Extensão: algumas trajetórias psi. V.VIII.P.27-32, 1998.

_____. *Considerações Heideggerianas sobre a psicoterapia e a técnica* In Microrrupturas e subjetividades. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.